



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
PPLIN – Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística
EDITAL 2016.2 – MESTRADO ACADÊMICO
ESTUDOS LINGUÍSTICOS

PROVA DE CONHECIMENTO ESPECÍFICO

DATA: 20 DE JUNHO DE 2016

HORÁRIO: 9H ÀS 12H

Nº de inscrição do[a] candidato[a]: _____

O presente instrumento de avaliação visa a selecionar/classificar candidatos que, através de suas respostas/seus textos, apresentem as seguintes características: reflexão teórica, capacidade de exposição escrita através da produção de texto coeso e coerente, bem como capacidade de síntese.

INSTRUÇÕES:

- 1) Para fazer a prova escrita sobre conhecimento específico, o candidato usará este caderno de prova e as folhas CARIMBADAS que o acompanham.
- 2) O candidato deverá verificar, no caderno de prova, se: (i) a sequência de questões está correta; (ii) há imperfeições gráficas que possam causar dúvidas.
- 3) Qualquer irregularidade constatada deverá ser imediatamente comunicada à Comissão de Seleção.
- 4) Não será permitida a troca de material entre os candidatos e a consulta a equipamentos eletrônicos, tais como computadores, *tablets*, telefones celulares etc.
- 5) Esta prova consta de 6 (seis) questões, dentre as quais 1 (uma) questão geral e obrigatória e 5 (cinco) questões específicas, das quais, o candidato deverá escolher 2 (duas) para responder.
- 6) A questão geral e obrigatória possui valor de 5,0 (cinco) pontos. Quanto às questões específicas, cada questão vale 2,5 (dois vírgula cinco) pontos.
- 7) É expressamente proibido ao candidato responder a mais questões que o especificado nos itens (5) e (6).
- 8) As respostas às questões da prova escrita deverão ser redigidas em língua portuguesa, com caneta esferográfica de tinta azul ou preta.
- 9) Ao transcrever as respostas às questões na folha de resposta, o candidato deverá identificar o número da questão a que está respondendo.
- 10) Este caderno de prova não será substituído, nem serão fornecidas folhas adicionais.
- 11) A interpretação das questões é parte integrante da prova, não sendo permitidas perguntas aos fiscais.
- 12) Ao terminar a prova, o candidato deverá entregar à Comissão de Seleção o caderno de prova completo, incluindo as folhas utilizadas para rascunho.
- 13) A prova terá a duração mínima de 1 (uma) hora e máxima de 3 (três) horas.
- 14) O candidato não deve se identificar em qualquer página do caderno de prova.
- 15) Os 3 (três) últimos candidatos da sala somente poderão entregar as respectivas provas e retirar-se do local simultaneamente.
- 16) O descumprimento de uma ou mais normas especificadas nesta instrução de prova e/ou no edital de seleção anulará a prova, e o candidato será eliminado do processo seletivo.

[1] QUESTÃO OBRIGATÓRIA:

Da fala ao grunhido (Fragmento)

FERREIRA GULLAR

Outro dia, ouvi um professor de português afirmar que, em matéria de idioma, não existe certo nem errado, ou seja, tudo está certo. Tanto faz dizer “nós vamos” como “nós vai”.

Ouçó isso e penso: que sujeito bacana, tão modesto que é capaz de sugerir que seu saber de nada vale. Mas logo me indago: será que ele pensa isso mesmo ou está posando de bacana, de avançadinho?

E se faço essa pergunta é porque me parece incongruente alguém cuja profissão é ensinar o idioma afirmar que não há erros. Se está certo dizer “dois mais dois é cinco”, então a regra gramatical, que determina a concordância do verbo com o sujeito, não vale. E, se não vale essa nem nenhuma outra — uma vez que tudo está certo —, não há por que ensinar a língua.

(...)

E, assim como para essa gente avançada não existe certo nem errado, não posso estranhar que a locutora da televisão diga “as milhares de pessoas” ou “estudou sobre as questões” ou “debateu sobre as alternativas” em vez de “os milhares de pessoas”, “estudou as questões” e “debateu as alternativas”.

A palavra “sobre” virou uma mania dos locutores de televisão, que a usam como regência de todos os verbos e em todas as ocasiões imagináveis.

Sei muito bem que a língua muda com o passar do tempo e que, por isso mesmo, o português de hoje não é igual ao de Camões e nem mesmo ao de Machado de Assis, bem mais próximo de nós.

Uma coisa, porém, é usar certas palavras com significados diferentes, construir frases de outro modo ou mudar a regência de certos verbos. Coisa muito distinta é falar contra a lógica natural do idioma ou simplesmente cometer erros gramaticais primários.

Mas a impressão que tenho é de que estou malhando em ferro frio. De que adianta escrever essas coisas que escrevo aqui se a televisão continuará a difundir a fala errada cem vezes por hora para milhões de telespectadores?

Pode o leitor alegar que a época é outra, mais dinâmica, e que a globalização tende a misturar as línguas como nunca ocorreu antes. Isso de falar correto é coisa velha, e o que importa é que as pessoas se entendam, ainda que apenas grunhindo.

(Folha de São Paulo, 25/03/2012)

A partir de uma abordagem teórica dos estudos da linguagem escolhida por você, [a] apresente uma análise crítica a respeito da opinião sustentada pelo autor. Em sua análise, [b] contraponha a concepção de língua implícita na argumentação do autor à do modelo teórico escolhido por você. Por último, [c] explique por que, a partir da abordagem escolhida por você, é impossível a redução da linguagem apenas ao “grunhido”.

**2] QUESTÕES ESPECÍFICAS PARA ESCOLHA –
SELECIONAR E RESPONDER SOMENTE DUAS QUESTÕES:**

[2A]

Os estudos na área de gênero, com sua gênese relacionada à retórica, aos estudos literários, bem como aos estudos linguísticos, fizeram com que a unidade mínima de análise passasse da palavra para o texto. Ademais, a noção de gênero discursivo tem sido crucial para o encaminhamento de abordagens que se propõem a fundamentar propostas de ensino de línguas. Rojo (2005, p. 199), discutindo a noção de gênero discursivo, faz a seguinte afirmação:

[...] Aqueles que adotam a perspectiva dos gêneros do discurso partirão sempre de uma análise em detalhe dos aspectos sócio-históricos da situação enunciativa, privilegiando, sobretudo, a vontade enunciativa do locutor – isto é, sua finalidade, mas também e principalmente sua apreciação valorativa sobre seu(s) interlocutor[es] e tema[a] discursivos – e, a partir dessa análise, buscarão as marcas linguísticas (formas do texto/ enunciado e da língua – composição e estilo) que refletem, no enunciado/textos, esses aspectos da situação. Isso configura não uma análise exaustiva das propriedades do texto e de suas formas de composição (gramática) – buscando as invariantes do gênero -, mas uma descrição do texto/enunciado pertencente ao gênero, ligada, sobretudo, às maneiras (inclusive linguísticas) de configurar a significação. [...] Assim, talvez o analista possa chegar a certas regularidades e similaridades das relações sociais numa esfera de comunicação específica.

Tomando por base a citação do texto de Rojo, discuta a noção de gênero trazida pela autora, indicando as implicações para um entendimento de língua que fundamente [a] o olhar do analista, [b] uma abordagem teórica para o ensino de línguas.

[2B]

Quem é sensível (sensível no sentido de preocupar-se com) às diferenças sociais marcantes na sociedade não pode ignorar o reflexo que essas diferenças têm nas manifestações reais de linguagem. Parece meio sem sentido, querer entender questões de linguagem, colocando-a num plano de abstração, como se não fosse ela o meio pelo qual as relações sociais se estabelecem entre os seres humanos.

Enxergar a língua uma única possibilidade de realização, sem qualquer fundamento científico e sem qualquer relação com o usuário, conduz à falsa crença de que existem línguas mais evoluídas e línguas menos evoluídas, ou ainda, línguas desenvolvidas e línguas primitivas. Tal crença se baseia muito mais no julgamento que se faz do usuário da língua do que na própria língua. Antes de qualquer avaliação desse tipo, é preciso que tenhamos clara a concepção de língua e de linguagem que deve sustentar nossas posições teóricas.

Nem sempre enxergamos a língua como também mais um fator de discriminação social, porque ignoramos o fato de que a linguagem, no cotidiano, pode ser usada tanto como fator de agregação como também de segregação.

Mesmo que inconscientemente, todos nós percebemos como a estratificação social está refletida na linguagem. E não é preciso ter feito mestrado ou doutorado em Linguística para reunirmos algumas evidências favoráveis que revelam essa relação entre língua e sociedade.

A partir da leitura do texto acima, discuta os seguintes conceitos: [a] norma/avaliação e uso linguístico, [b] relação entre língua e sociedade, [c] pressões internas/estruturais e externas/sociais.

[2C]

A comunidade acadêmica recentemente teve acesso à proposta da Base Curricular Comum Nacional para discussão e avaliação. Esse documento, que orienta todas as áreas de conhecimento, traz a seguinte indicação para a área de Linguagens:

Assim, cabe à Área de Linguagens uma importante tarefa da Educação Básica que é transversal a todos os componentes: garantir o domínio da escrita, que envolve a alfabetização, entendida como compreensão do sistema de escrita alfabético-ortográfico, e o domínio progressivo das convenções da escrita para ler e produzir textos em diferentes situações de comunicação. A tarefa do **letramento**, que diz respeito à condição de participar das mais diversas práticas sociais permeadas pela escrita, abrange a construção de saberes múltiplos que permitam aos/às estudantes atuarem nas modernas sociedades tecnológicas, cada vez mais complexas também em relação às suas formas de comunicação. Essa atuação requer autonomia de leitura nos diversos campos e suportes e prepara para produzir textos em diferentes modalidades e adequados aos propósitos e às situações de comunicação em que os sujeitos se engajam (Brasil, 2015, p. 29).

Street, ao tratar de letramentos sociais, traz a sua contribuição para reflexões e pesquisas na área de letramento:

Estudos recentes têm mostrado, por exemplo, que quando se trata de conseguir emprego o nível de letramento é menos importante do que aspectos de classe social, gênero e etnia: o baixo letramento é mais provavelmente um sintoma de pobreza e privação do que uma causa. [...] Pesquisadores (cf. Levine, 1986) também apontam que os testes de letramento que as empresas desenvolvem para candidatos a empregos podem nada ter a ver com as habilidades letradas exigidas no emprego: sua função é filtrar certos grupos e tipos sociais e não determinar se o nível de letramento é adequado às tarefas exigidas. Alguns empregadores, por exemplo, têm a crença um tanto mítica de que os empregados mais letrados são menos propensos a uma atitude antagônica com relação a novas tecnologias, computadores, etc. e usam testes de letramento como um filtro para essas supostas qualidades atitudinais. Embora alguns indivíduos achem que frequentar programas de alfabetização os leva a empregos que não conseguiriam de outro modo, o número de empregos num país não cresce necessariamente com as taxas de alfabetização, de modo que, em muitos casos, outras pessoas estão simplesmente sendo postas para fora. Os governos tendem a culpar as vítimas em momentos de desemprego elevado, e o “analfabetismo” é um modo conveniente de desviar o debate da falta de emprego para a inadequação das próprias pessoas ao trabalho. No entanto, diversas tarefas exigem um letramento mínimo ou um tipo de habilidade letrada diferente das ensinadas na escola. [...] Tais exemplos têm levado pesquisadores e profissionais da área a falar de “letramentos” no lugar de um único e monolítico “letramento” (Street, [1995] 2014, p. 34-35).

A partir da leitura dos fragmentos acima, discuta [a] o entendimento de letramento trazido em cada um deles, [b] como tais entendimentos dialogam ou não [c] e quais são as implicações dessa discussão para políticas de ensino de línguas.

[2D]

No âmbito dos estudos da linguagem, as pesquisas desenvolvidas inscrevem-se em paradigmas e se configuram em tipos que remetem à posição teórico-metodológica dos pesquisadores. Moita Lopes (2006) vem apresentar seus argumentos em favor de uma Linguística Aplicada (LA) que exploda os limites das disciplinas e afirma:

A necessidade de repensar outros modos de teorizar e fazer LA surge do fato de que uma área de pesquisa aplicada, na qual a investigação é fundamentalmente centrada no contexto aplicado (cf. Moita Lopes, 1998 e Gibbons et alii, 194) onde as pessoas vivem e agem, deve considerar a compreensão das mudanças relacionadas à vida sociocultural, política e histórica que elas experienciam. O que não quer dizer que muito da pesquisa que se reconhece como LA contemple a vida social, cultural, política e histórica. [...] É assim que Philips & Skutnabb-Kangas (1986) criticam uma LA que, mais do que passar ao largo das questões sociopolíticas, colabora na manutenção das injustiças sociais ao não situar seu trabalho nas contingências e vicissitudes sócio-históricas e ao não se indagar sobre os interesses a que seu trabalho serve (Moita Lopes, 2016, p. 21).

Isso me parece ainda mais pertinente quando muitas das questões mais interessantes sobre a linguagem são levantadas por pesquisadores fora do campo dos estudos da linguagem. Se quisermos saber sobre linguagem e vida social nos dias de hoje, é preciso sair do campo da linguagem propriamente dito: ler sociologia, geografia, história, antropologia, psicologia cultural e social, etc. A chamada “virada discursiva” tem possibilitado a pesquisadores de vários outros campos estudar a linguagem com intravisiões muito reveladores para nós (Moita Lopes, 2006, p. 96).

Discuta a LA, destacando [a] qual deve ser o enfoque das pesquisas em LA na contemporaneidade, [b] quais devem ser as bases teórico-metodológicas a fundamentar as pesquisas nesse campo, [c] como deve ser concebida e encaminhada a sua relação com a vida social.

[2E]

Os trechos abaixo trazem ocorrências da perífrase conjuncional *vai que*, que é frequentemente encontrada em enunciados falados e escritos. A perífrase é produto recente de uma estratégia bastante antiga de ampliação do sistema conjuncional, cuja representação “X que” contém uma variável que é preferencialmente preenchida por nomes, verbos e advérbios, os principais canais de derivação desse processo de mudança comum a muitas línguas.

- (i) Mais isso foi bom, nunca mais espero ninguém apertar o botão por mim (ou se for aqueles arcaicos, puxar a cordinha). Darei sinal até mesmo para o ônibus parar no ponto-final, apenas por precaução, **vai que** o motorista também esteja viajando na maionese...
- (ii) Todo mundo sabe que “*recesso por tempo indeterminado*” é um eufemismo para “ACABOU, DEU PARA TI”. Só tão com vergonha de acabar de vez. **Vai que** a carreira solo de nenhum deles vinga? Aê volta para a banda, grava um Acústico MTV e fatura mais umas moedas!
- (iii) Embora seja contra a venda, compra e posse de armas por civis (bandidos inclusive), acho que Lula deveria devolver apenas um de seus revólveres à campanha de desarmamento. **Vai que** o presidente resolva “renunciar” como Getúlio... (Veja, Cartas, 28/09/05, p.41)

Podemos afirmar que os significados das palavras em sentenças não são apreendidos por relações simples, mas envolve a interação de vários elementos, que vão da relação sintática ao ato de fala utilizado. Considere as ocorrências de (i) a (iii), atente para a categoria que preenche a variável da fórmula “X que”, e comente: [a] as alterações semânticas e os processos envolvidos na formação da estrutura “vai que”; [b] apresente breve análise linguística a partir de um modelo teórico escolhido por você.